

# ANTÓNIO PINHO VARGAS

## recital piano solo

### entrevista completa

#### **António Pinho Vargas, fragmentos duma entrevista, Junho de 2008**

(...)

O meu disco de piano solo é um momento em que eu travo uma espécie de combate imaginário entre aquilo que estava inscrito no meu corpo e aquilo que, de repente, por estar a tocar sozinho, se abre como possibilidade.

Havia essa dupla perspectiva: por um lado, a forma como aquelas músicas tinham sido tocadas há bastantes anos podia transformar-se na ausência dos outros instrumentos; por outro, abria-se um novo horizonte de possibilidades.

(...)

Uma das melhores coisas de tocar a solo é poder permanentemente tomar decisões.

Pensei, às vezes, *nesta música não vou conseguir fazer uma versão de piano solo que tenha sentido*. Mas a maior parte das vezes foi um divertimento fazer coisas que nunca tinha feito antes nas mesmas músicas.

(...)

A improvisação no Jazz tradicional é clássica, percebem-se os solos e esses momentos distinguem-se completamente da apresentação dos temas. No meu caso, a improvisação por vezes tem lugar na própria enunciação musical do tema. E, nesse sentido, posso dizer que algumas das coisas que estão neste CD foram improvisadas no estúdio, no acto de gravação. E a maneira como o fiz foi a maneira como eu fiz naquele dia, naquele momento da gravação.

(...)

Todo este período em que não fiz concertos, estes quase sete anos, traduziu-se simultaneamente numa espécie de esquecimento da maneira antiga de fazer as coisas e numa renovação da maneira de tocar. Isto é particularmente evidente no que diz respeito à minha relação física com o instrumento. Neste momento, na maior parte dos concertos sinto um grande prazer físico, maior do que aquele que sentia anteriormente.

(...)

Uma coisa muito importante que caracteriza um concerto ainda mais que uma gravação, é a contingência. Está-se no *aqui e agora*, aquilo vai sair e será como sair. Não há nada a dizer, é um momento de performance sem rede. Para todos os efeitos, todos os

concertos são assim. E, já sei, eu fico muito nervoso antes dos concertos desde que comecei a tocar em público, ou seja, desde 1969. Não há nada a fazer. Depois, o desenrolar do concerto e o facto de estarmos em actividade física, por assim dizer, transporta-nos para uma outra dimensão quase metafísica. Eu espero que isso aconteça.

**António Pinho Vargas, fragmentos duma entrevista, Junho de 2008**